



Memórias da imigração no acervo do Museu Judaico de São Paulo: cartões-postais

Memories of Immigration in the Collection of the Jewish Museum of São Paulo: Postcards

Nancy Rozenchan*

Resumo: Este artigo analisará a memória da imigração presentes nos cartões-postais do acervo do Museu Judaico de São Paulo. Da Europa para o Brasil e vice-versa, cartões-postais em iídiche, hebraico, polonês, alemão, ladino, russo, ou qualquer outra língua usada pelos judeus cruzaram frequentemente o Atlântico. Os poucos que se preservaram são, por vezes, valiosos documentos históricos da cultura deixada para trás, da nova cultura adotada, dos sentimentos aguçados devido à distância e da impossibilidade de retroceder ao local de origem e a tudo o que existiu naquele universo, das dificuldades em se adaptar às novas condições de vida, da saudade e da esperança pelas novas oportunidades.

Palavras-chave: Memória. Imigração. Cartão postal.

Abstract: This article will examine the immigration memory present in the postcards of the collection of the Jewish Museum of São Paulo. From Europe to Brazil and vice versa, postcards in Yiddish, Hebrew, Polish, German, ladino, Russian, or any other language used by Jews often crossed the Atlantic. The few that are preserved are sometimes valuable historical documents of culture left behind, the new culture adopted, sharp feelings due to the distance and the impossibility of return to place of origin and to everything which existed in that universe, the difficulties in adapt to new conditions of life, longing and hope for new opportunities.

Keywords: Memory. Immigration. Postcard.

Surgido na segunda metade do século 19, o cartão-postal logo foi um importante meio de divulgação de imagens e, por conta disto, objeto de interesse de muitos colecionadores. Hoje pouco é usado para os fins para os quais foi criado, envio de mensagens rápidas, lembrança de um lugar que se visita; vale agora muito mais como objeto de coleção. Do minúsculo espaço reservado para a mensagem, já que a face utilizável era dividida ao meio para conter o endereço do destinatário, com o passar dos anos, graças à tarifa postal mais baixa cobrada por ele, tornou-se um meio muito popular de enviar notícias, sem a preocupação de preservar a privacidade da mensagem enviada.



Um centavo ou algumas poucas moedas eram suficientes para despachá-lo. E sequer era necessário um envelope.

Da Europa para o Brasil e vice-versa, cartões-postais em ídiche, hebraico, polonês, alemão, ladino, russo, ou qualquer outra língua usada pelos judeus cruzaram frequentemente o Atlântico. Os poucos que se preservaram são, por vezes, valiosos documentos históricos da cultura deixada para trás, da nova cultura adotada, dos sentimentos aguçados devido à distância e da impossibilidade de retroceder ao local de origem e a tudo o que existiu naquele universo, das dificuldades em se adaptar às novas condições de vida, da saudade e da esperança pelas novas oportunidades. Conteúdo e estilo pessoais revelam tanto assuntos que dizem respeito ao remetente e ao destinatário como à cultura mais ampla. Como pode o leitor de hoje compreender a história de então tentando recuperar sensações que foram vividas há tantas décadas? Como interpretar o que foi escrito por alguém que se conheceu para alguém que também se conheceu ou quando se trata de pessoas desconhecidas? E a imagem do cartão escolhido, quanto ela vale atualmente?

Vou tratar de um cartão apenas, o único que foi preservado do autor e seu destinatário e tentarei abordar o máximo de temas suscitados por ele. Seu autor, meu tio, o destinatário, meu pai; cunhados. Quando nasceram, eram cidadãos russos; ao partirem, já eram cidadãos romenos. O cartão foi enviado em 1930, de Hotin, região da Bessarábia, então Romênia; a cidade de mais de mil anos, junto ao Rio Dniester, que foi importante entreposto comercial e fortaleza militar, tinha sido mais de uma vez russa, moldava, romena, turca, austríaca, polonesa e hoje é ucraniana.

Quando esse cartão foi enviado, mesmo levando em conta que muitos judeus já tinham partido de lá, cerca de 38% da população local era judaica; eram quase seis mil judeus. Em 1940 a população judaica chegou a 15 mil pessoas; a maioria deles foi morta em 1941 pelos nazistas, e os remanescentes foram enviados ao campo de concentração transitório de Secureni, criado em julho de 1941, que recebeu 30 mil judeus; o campo foi evacuado em 3 de outubro do mesmo ano; muitos morreram ali por terem se alimentado com cereal cru; os remanescentes foram deportados para a Transnistria. Secureni hoje é Sokyryany e fica na Ucrânia. Hoje praticamente não há judeus entre os 11 mil habitantes de Hotin, que agora pertence à Ucrânia.

Na face ilustrada do cartão: a imagem é do Museu Militar de Bucareste, então capital do país, a Romênia. Como se tratou de um cartão desvinculado de assuntos turísticos ou artísticos, como foi geralmente a regra em referência a



cartões desse teor, não deve ter tido importância maior qual a ilustração escolhida; sequer foi da cidade de onde foi enviado. Selo no valor de 6 lei, [167.20 lei valiam um dólar americano em 7 de fevereiro de 1929], endereço em bela letra cursiva, conteúdo em iídiche em caligrafia primorosa, simétrica, indicando alguém que era afeito à escrita. Na parte inferior, pode-se notar a escrita de uma outra pessoa, sem o mesmo esmero, talvez alguém que só raramente se dedicava à escrita; idoso? Ou alguém que não enxergava bem?



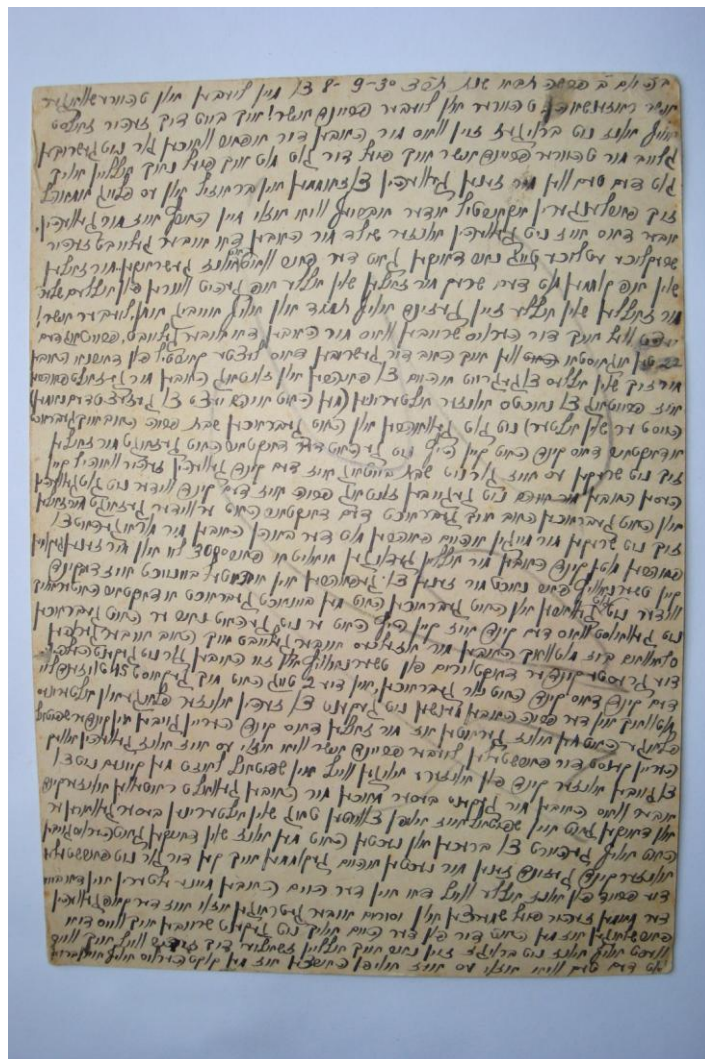
Quatro anos antes, o remetente e o destinatário despediram-se dos seus e partiram para a América do Sul em busca de novas opções de sobrevivência ante as poucas possibilidades oferecidas por Hotin.

Seguindo os padrões de imigração para as Américas e em particular para a América do Sul, em primeiro lugar vinham os rapazes, considerando que estariam mais disponíveis para enfrentar as dificuldades do novo país e que, envolvidos apenas com o trabalho, poderiam, em pouco tempo, amealhar meios de ajudar os que tinham permanecido na Europa e/ou acumular recursos para trazê-los. As famílias somente viriam quando existissem meios suficientes de subsistência, mesmo se isto demorasse alguns anos para se concretizar.

Ira Iurist, um *talmid-haham*, um estudioso, deixou esposa e filho pequeno, além dos pais idosos, em busca de possibilidade de sustento; seu cunhado, agregado



no último instante à viagem para escapar ao recrutamento para o penoso serviço militar, era pouco mais do que um adolescente. O visto obtido por ambos foi para o Uruguai, mas o destino ansiado, onde já se encontravam diversos conterrâneos, era São Paulo. Assim, ao desembarcarem em uma escala no porto de Santos, colocaram debaixo do braço uns poucos pertences, o que incluiu obviamente os seus objetos de culto, *talit*, *tefilin*, *sidur*, *hagadá* de *Pessach*, o *Tanach*, a Bíblia hebraica, e não prosseguiram viagem rumo ao país vizinho. De trem, chegaram a São Paulo onde logo se agregaram à massa dos imigrantes judeus – os famosos “russos” da prestação - que iam vender de porta em porta mercadorias recebidas em consignação de lojistas que já tinham se estabelecido no comércio ou na indústria. O lugar de moradia, como se pode verificar pela face do cartão, alguma pensão no centro da cidade, sendo que esse lado da Rua Asdrúbal do Nascimento não mais existe; é onde se encontram alças da Avenida 23 de Maio.





Em se tratando de lugares de moradia, os imigrantes procuravam a proximidade dos que haviam chegado anteriormente; parentes, amigos e conterrâneos instalavam-se uns perto dos outros. Os que não conheciam ninguém também procuraram se aproximar dos que já tinham encontrado um lugar para morar, quarto ou pensão. Pelo endereço mencionado, na Bela Vista, verifica-se que ali deve ter se constituído um núcleo de rapazes judeus, distante de outros centros consagrados que atraíram números maiores de imigrantes, como o Bom Retiro ou o Brás, por exemplo.

Em *Gente e histórias de Hotin*, Fanny Montag, originária daquela cidade, como lemos no capítulo 16, p. 62, justamente sobre a família de Ira Iurist. *Quem eram os nossos vizinhos?* traz em primeiro lugar alguns dados sobre eles:

A primeira casa judaica da rua Stefan Cel Mare era de Huna Yurist, que chamavam de Hune Narinhener. Ele era o judeu mais piedoso da rua: fizesse chuva ou sol, com seu boné na cabeça e o saquinho com *tales* na mão, ele ia duas vezes por dia para a sinagoga. Hune parecia um judeu saído dos quadros de Chagal.

Sua casa era a mais modesta da rua: uma fachada de madeira muito envelhecida e o chão de terra batida. Mas entrando na pequena salinha, uma surpresa: um grande espelho com uma moldura dourada, larga e muito trabalhada, do tipo veneziano, pendurado na parede. Decerto era de Hove, a cunhada viúva que também morava lá, e diziam que era rica. Enquanto ele rezava, a mulher Néssia tomava conta do negócio: era a primeira lojinha de farinha, porque havia três ou quatro em cada quarteirão.

À página 105-106, relatando um importante evento ocorrido na cidade de Hotin, temos um outro dado sobre a mesma família:

No começo dos anos 30, Hove, a cunhada de Hune Narinhener, doou um Sêfer Torá a este *shil* [refere-se a uma nova sinagoga construída então]; tinha que ser encomendado, e a sua confecção demorava algum tempo, porque era escrito a mão por um *sôifer*. Quando ficou pronto, realizou-se uma grande festa no meio da rua, como só numa cidade judaica podia acontecer. Não faltaram a essa festa nem *klézmer*, nem a alegria das



danças, canto e um *kidush*. Desde que o Sêfer Torá foi retirado da casa de Hune por alguns quarteirões até o *shil*, todos os moradores judeus e os convidados acompanharam o séquito rezando e dançando...

Únicos registros em livro sobre a família Iurist, eles servem para confirmar tanto o caráter piedoso da família de Ira como a falta de meios de sobrevivência para o *talmid-haham*. Talvez a tia viúva possuísse bens, mas os pais de Ira mal tinham como sobreviver.

Do teor do cartão merecem ser destacados: a quem é dirigida a mensagem, ou seja, ao querido e caro cunhado, ao querido e caro amigo; a menção nominal e o afeto pelo destinatário são repetidos várias vezes.

Os temas presentes, como o pedido de desculpas pela falta de notícias e que não fique zangado por isso; a solidariedade no sofrimento de quem ficou solitário no Brasil; a lembrança do sofrimento conjunto quando notícias tardavam em chegar; a culpa no atraso de informação pela aflição pelo que passaram e votos de não conhecerem novos momentos de dor; o motivo: quando se preparavam para partir, dois dias antes de embarcar, o filhinho adoeceu; os médicos se seguiram sem poder resolver o problema; foram a Tchernovitz, lá também os médicos foram de pouca valia; somente quando o menino foi internado é que seu estado melhorou; os custos dos diversos tratamentos; além do acréscimo de um novo nome ao menino e agora ele se chama Álder; em geral o nome é mencionado em uma forma de diminutivo em iídiche, Alterunie; a espera que mãe e filho se recuperem para poderem viajar; a informação de que os cartões provenientes do Brasil foram lidos para os familiares que ainda não os tinham lido; toda a família compartilha dos atos da nova vida e dos sentimentos de dor, frustração ou alegria; a informação de que não pode ainda informar a data da viagem ao Brasil; a preocupação atual: arranjar um *shiduch*, um casamento para a cunhada Ester; há várias propostas; espera que seja encontrado o companheiro adequado para ela, o predestinado, o *zivug*; as lembranças aos dois amigos mais chegados que vivem em São Paulo e cumprimentos pelo noivado da irmã dos mesmos; informação de que o dote da noiva foi de 350 mil *lei* e as lembranças a todos e também para Dona Mimi. Quem seria Dona Mimi? A dona da pensão?

Considerando que o item referente ao problema de saúde ocupa a maior parte do cartão, é de se admirar que tantos outros itens ainda coubessem no espaço pequeno que restou na face da foto.



Da língua e da linguagem pode-se considerar: as regras de grafia unificada do iídiche foram promulgadas em 1936; o cartão utilizou uma grafia antiga, ainda com forte peso da língua alemã [duplicação de consoantes, manutenção de letra correspondente ao H utilizado em muitas palavras do alemão, que posteriormente seria retirado do iídiche]; o tom da linguagem é amistoso e extremamente cordial, indicando o grau de fraternidade reinante.

A língua utilizada foi o ídiche. Tratando-se de um cartão que dispensava o uso de envelope, comprova-se que, naquele momento, não havia empecilho para a utilização dessa língua, seja no país de origem, seja no de chegada. É verdade que a par do próprio fato de se usar um meio que dispensa a privacidade e que o teor da mensagem é constituído apenas de assuntos de interesse familiar, não suscitarem qualquer suspeita sobre temas políticos que poderiam ser alvo de algum tipo de censura, na data em que foi escrito, 1930, não havia objeção ao uso dessa língua.

A que nos conduz o texto de um cartão de quase oitenta anos de idade? Como um registro pessoal desse autor reflete uma história mais ampla?

Muitos imigraram de Hotin a São Paulo ou ao Rio de Janeiro; em São Paulo chegou a existir uma associação dos oriundos daquela cidade, além de uma organização mais ampla que congregou os imigrantes provenientes da região, a Bessarábia, o Bessaraber Farband. Apesar das dificuldades e sofrimentos pessoais, aqui centrados na doença do filho, pode-se dizer que o cartão se caracteriza por laivos de esperança e expectativas de realizações, mesmo que hoje elas pareçam estar distantes de assuntos imediatos dos interesses locais contemporâneos. Arranjar um *shiduch* e prover o dinheiro necessário para o dote – condição fundamental para que o novo par pudesse se lançar a uma vida própria – foram grandes preocupações da época. Imigrar ao Brasil, para o remetente e o destinatário desse cartão, como para milhares de outros contemporâneos deles, significava não só procurar melhores condições de trabalho e de vida, escapar ao serviço militar, mas também poder casar filhas ou irmãos que ficaram para trás. Aos que vinham ao Brasil, cabia arcar com o dote; aos que ficaram lá, arranjar um par compatível. A menção no cartão a dois eventos ligados ao *shiduch* comprova a prioridade destes assuntos em relação a muitos outros que poderiam ter sido abordados. A coesão familiar em torno do assunto mostrava-se fundamental. É patente também a satisfação em poder concretizar este preceito, o de casar uma jovem.

Outro assunto pode ser, ainda, tratado: por ter sido repetido diversas vezes, destaca-se o nome da criança que adoeceu: Álder. A doença de Álder foi o



motivo para a falta de notícias; além do sofrimento, os custos financeiros de sua cura foram elevados; a doença e a recuperação foram o motivo para o adiamento da viagem de retorno ao Brasil do remetente, agora acompanhado da família, o que significa que ele já tinha condições de pagar pela viagem dos três assim como de sustentá-los no Brasil.

A mudança do nome da criança, um indicativo da cultura da época, fato que não desapareceu de todo da cultura judaica, é um indicativo do perfil familiar: se, por um lado, não foram poupados esforços e gastos com médicos e até com uma inusitada hospitalização, algo que era absolutamente incomum, não se deixou de lado a opção da fé, que tinha a intenção, conforme a crença popular, de “enganar o Anjo da Morte”, substituindo o nome original por outro que confundisse. *Álter*, significa “velho”. O Anjo da Morte, ao vir ceifar a vida de uma criancinha, encontraria um “velho” e não poderia cumprir o seu mister. Em algum momento, que não tenho condições de precisar, o nome registrado dessa criança passou a ser Haim, que significa “vida”. Foi com ele que Haim se destacou na carreira docente em São Paulo, como renomado professor de química.

Todos os envolvidos ou mencionados nesse cartão já se foram. Um velho cartão-postal despertou a vontade de recuperar alguns dados dessa família, uma dentre milhares de imigrantes que vieram do leste europeu, de captar os significados dessa história e dessa trajetória. Cada família constrói uma crônica de si mesma, tem a representação social e os sentidos relacionados à memória do núcleo familiar e individual, testemunho de sua coesão, indica as suas peculiaridades; de acordo com a origem social dos produtores desse bem, no caso o cartão de 1930, vêm à tona visões e referências específicas, expondo padrões de comportamento, que foi o que nos propusemos a apresentar aqui.

* **Nancy Rozenchan** é Professora Sênior da Universidade de São Paulo (USP), ensaísta e tradutora.

Referência

MONTAG, Fanny. *Gente e histórias de Hotin*. São Paulo: [s.d.].